

Filosofia Unisinos

Unisinos Journal of Philosophy

26(1): 1-11, 2025 | e26108

Nome dos editores responsáveis pela avaliação:

Inácio Helfer

Leonardo Marques Kussler

Luís Miguel Rechiki Meirelles

Unisinos – doi: 10.4013/fsu.2025.261.08

Artigo

Entre filosofia e artes narrativas: o romance metafísico de Simone de Beauvoir e seus desafios metodológicos

Between philosophy and narrative arts: Simone de Beauvoir's
metaphysical novel and its methodological challenges

Juliana Oliveira Missaggia

<https://orcid.org/0000-0002-9170-8375>

Universidade Federal do Acre – UFAC e Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: jumissaggia@gmail.com

RESUMO

Neste artigo, analiso como Simone de Beauvoir justifica sua tentativa de conectar filosofia e artes narrativas, como a literatura, através do que ela denominou de “romance metafísico”. Para isso, apresento dificuldades e objeções comuns diante da tentativa de relacionar as duas áreas. A seguir, analiso questões de ordem metodológica, relacionadas ao que Beauvoir reconheceu como limites da filosofia *tradicional* em tematizar determinados aspectos da singularidade e particularidade das experiências. Essa investigação nos dará oportunidade de investigar dois aspectos importantes da obra beaivoriana: sua polêmica negação de que fosse uma filósofa e algumas aparentes ambiguidades em sua definição para a atividade filosófica. Por fim, apresento a singularidade de sua abordagem, defendendo que sua busca por conciliar filosofia e narrativas resulta em um rompimento metodológico tanto com a filosofia como com a literatura, quando entendidas em suas formas de expressão mais convencionais.



Palavras-chaves: Simone de Beauvoir, filosofia, artes narrativas, romance metafísico, método.

ABSTRACT

In this paper, I analyze how Simone de Beauvoir justifies her attempt to connect philosophy and narrative arts, such as literature, through what she termed as “metaphysical novel.” To achieve this, I present common difficulties and objections faced in attempting to connect these two areas. Subsequently, I examine methodological issues related to what Beauvoir recognized as the limitations of traditional philosophy in addressing certain aspects of the singularity and particularity of experiences. This investigation will provide an opportunity to explore two significant aspects of Beauvoir’s work: her controversial denial of being a philosopher and some apparent ambiguities in her definition of philosophical activity. Finally, I present the uniqueness of her approach, arguing that her pursuit to reconcile philosophy and narratives results in a methodological departure from both philosophy and literature, as conventionally understood.

Keywords: Simone de Beauvoir, philosophy, narrative arts, metaphysical novel, Method.

1 Considerações iniciais: as dificuldades da filosofia narrativa

Autora prolífica, Beauvoir construiu uma extensa obra que abrange uma variedade de gêneros, incluindo romances, peça de teatro, novelas e narrativas autobiográficas. Muitos desses escritos foram recebidos de maneira altamente favorável, culminando na concessão do prestigioso Prêmio Goncourt, em 1954, por seu romance “Os Mandarins”. Beauvoir, de fato, apesar de sua formação e contribuições no campo da filosofia, preferiu em muitas ocasiões se identificar mais como literata do que como filósofa. Ainda assim, é notável que, em contraste com sua autoavaliação enquanto intelectual, a obra filosófica de Beauvoir tem experimentado um aumento de interesse nas últimas décadas. Alguns estudiosos interpretam esse ressurgimento como um reconhecimento mais apropriado do caráter genuinamente filosófico de seu pensamento.

Dentro desses estudos, um dos temas que surgem é, justamente, qual a relação entre suas obras que foram classificadas como literárias e aquelas que, ao menos em estudos mais recentes, são estudadas como filosóficas. Seria mesmo possível estabelecer, em primeiro lugar, uma distinção tão clara entre textos narrativos e textos filosóficos na obra beaivoriana? Um dos pontos a se considerar é a conhecida tendência de pensadores ligados ao movimento existencialista de produzir romances permeados de temas da filosofia. Como teremos ocasião de aprofundar adiante, esse também é o caso de Beauvoir, e ela tratou da questão de forma direta, inclusive apresentando algumas das dificuldades teóricas e metodológicas na criação de narrativas *filosóficas*.

De fato, uma crítica comum quando se trata da tentativa de produzir narrativas que possuam características filosóficas é o risco de acabar por comprometer, simultaneamente, ambas as áreas: narrativas costumam ser produzidas como obras de arte e avaliadas por sua qualidade artística, enquanto que um dos critérios da boa filosofia é a clareza dos argumentos apresentados. Assim, ao conectar as duas coisas haveria, de um lado, o perigo de reduzir a qualidade artística na tentativa de usar a narrativa como mero instrumento para a apresentação de teses filosóficas. A intenção mesma de transmitir algum pensamento específico através de um romance, por exemplo, acabaria por afetar aspectos que podem ser identificados como elementos centrais da literatura, como a ambiguidade de situações e personagens.

Conforme aponta Margaret Simons (2004, p. 264), algumas das críticas que Beauvoir recebeu em relação à sua obra literária seguem essa direção: em uma entrevista de 1945, por exemplo, a filósofa é questionada sobre o risco de que os personagens de seus romances filosóficos acabem por se converter em “ideias encarnadas em vez de personagens”, ao que Beauvoir reconhece como uma armadilha

(*l'écueil*) a ser evitada. De forma semelhante, muitos de seus trabalhos foram criticados como “professorais” e falhos nos aspectos artísticos em favor de servirem como um meio para a apresentação de ideias (2004, p. 263-4).

Algo que ilustra bem esse ponto é a distinção, elaborada por E. M. Forster em *Aspects of the Novel* (1927), entre personagens *redondos* (*round character*) e *planos* (*flat character*): os primeiros possuem complexidade psicológica e diferentes características, de modo que não podem ser facilmente reduzidos a um elemento em particular ou enquadrados em uma única categoria (seja moral, psicológica, filosófica, etc); personagens planos, por outro lado, são limitados a um único aspecto, sendo um estereótipo ou a “encarnação” de um modelo ou ideia, motivo pelo qual normalmente não mudam ao longo da trama. Apenas personagens planos poderiam ser convertidos na representação de uma forma paradigmática de pensamento ou conduta, como “o moralista”, “o justo” ou “o rebelde”.

Se tomarmos por base a distinção de Forster e algumas das críticas endereçadas às obras literárias de Beauvoir, poderíamos questionar em que medida a ideia mesma de produzir narrativas filosóficas não estaria de antemão comprometida do ponto de vista metodológico. A presente discussão envolve um debate metafilosófico, pois a avaliação da possibilidade de conexão entre pensamento filosófico e narrativas depende do questionamento de qual é a concepção de filosofia a partir da qual desenvolvemos essa análise. Meu foco neste estudo são os argumentos explícitos que Beauvoir apresenta sobre esse tema, sobretudo algumas reflexões de seu ensaio “Literatura e Metafísica”, as quais são bastante esclarecedoras para entendermos essa questão em seu pensamento¹.

Nesse texto, de 1946, Beauvoir relata a ambiguidade que experimentou, no começo da vida adulta, enquanto leitora voraz tanto de textos literários, como filosóficos: oscilava entre considerar romances “frívolos” diante da grandeza intelectual de pensadores como Kant, e julgar como “inútil” tentar produzir sistemas filosóficos abstratos após mergulhar no universo narrativo de um romancista como Stendhal. Beauvoir reconhece, porém, ainda que sem mencionar nenhum nome em particular, que há quem busque “reconciliar” as duas áreas (Beauvoir, 2004, p. 269-70).

A autora segue com uma argumentação que enumera, no entanto, uma série de dificuldades nessa tentativa de conectar narrativas artísticas e filosofia. Em grande parte, conforme vou detalhar a seguir, os problemas apresentados por Beauvoir estão ancorados na definição que, de forma subentendida, ela apresenta para aquilo que poderia ser classificado como um texto literário e, em particular, um texto filosófico. Refiro-me dessa maneira, porque, de fato, Beauvoir não conceitua de forma precisa o que está entendendo por literatura e por filosofia, mas sim apresenta uma série de possíveis dificuldades na conexão entre as duas áreas, de modo que podemos inferir apenas indiretamente suas definições.

Destaco esse aspecto porque me parece que muitas das objeções que Beauvoir elenca dependem da maneira como ela está entendendo, sobretudo, o papel da filosofia e seus limites metodológicos. Acredito que o impasse apresentado – e manifesto também no receio que Beauvoir teve, durante muito tempo, de se apresentar como filósofa, conforme detalharei adiante – tem sua raiz justamente em uma concepção restritiva do que pode ou não ser classificado como conteúdo filosófico. Por outro lado, a grande ênfase dada por Beauvoir na ambiguidade da dimensão moral e, em particular, na conexão entre moralidade e narrativa acabam, a meu ver, por levá-la a considerar que artes narrativas², como a literatura, são a forma mais adequada de tematizar determinados aspectos da vivência humana que são fundamentais para um entendimento de nossa vida ética.

¹ Nesse sentido, não irei analisar diretamente seus romances e outros de seus trabalhos com estrutura narrativa, pois isso implicaria em entrar em outras questões que não cabem no escopo desse texto. Assim, o presente estudo irá se concentrar em algumas das análises e reflexões explícitas que Beauvoir faz sobre a relação entre narrativa e filosofia em seu pensamento.

² Tomo a expressão “artes narrativas” em sentido mais usual, enquanto uma forma de expressão artística que envolve uma história na qual se desenrola uma sequência de eventos, situações e fatos (sejam ficcionais, sejam inspirados em eventos reais). Nesse sentido amplo, portanto, artes narrativas podem abarcar diferentes mídias além da literatura, como peças teatrais, cinema, quadrinhos, etc.

Um exemplo dessa ambiguidade é a forma como a filósofa coloca a questão no ensaio de 1946, empregando uma linguagem que revela seu entendimento sobre as diferenças entre filosofia e literatura. Ao relatar seu dilema de oscilar na preferência por textos filosóficos e textos literários, Beauvoir questiona: “onde poderíamos encontrar a verdade? Na terra ou na eternidade?” (Beauvoir, 2004, p. 269). Fica bastante evidente que, ao menos nesse período, seu pensamento estabelecia uma distinção clara entre as duas áreas, de modo a conectar, metaforicamente, as artes narrativas com a “terra” e, portanto, o mundano e efêmero, e a filosofia com a “eternidade”, o universal, o “rigor”, etc. A busca de Beauvoir será, então, a de estabelecer uma forma de expressão específica, que possa servir de intermediária entre a filosofia *tradicional*, ligada à ideia de universalidade, e os romances vinculados à particularidade da experiência.

Não é por acaso que o pensamento existencialista atual tenta se expressar ora por tratados teóricos, ora por ficção; isso ocorre porque há um esforço para conciliar o objetivo e o subjetivo, o absoluto e o relativo, o atemporal e o histórico. O pensamento existencialista afirma apreender a essência no cerne da existência; e se a descrição da essência é assunto apenas da filosofia propriamente dita, então o romance nos permitirá evocar a manifestação original da existência em sua verdade completa, singular e temporal. (Beauvoir, 2004, p. 274).

Alguns aspectos interessantes do argumento de Beauvoir chamam a atenção: de um lado, a autora segue apresentando as características da filosofia e da ficção narrativa como, em certo sentido, antagônicas, e, de outro, esclarece que o pensamento existencialista busca conciliar as duas áreas. O primeiro ponto fica evidente a partir da forma como ela elenca termos opostos: os tratados teóricos filosóficos são conectados com o *objetivo, absoluto e atemporal*, enquanto que a ficção é relacionada com aquilo que é *subjetivo, relativo e histórico*.

Indo na mesma direção, Beauvoir também afirma que a “descrição da essência” é tarefa da filosofia, enquanto que o romance pode apresentar a existência em sua dimensão singular e temporal. Por outro lado, ela reconhece o interesse do existencialismo de quebrar essa dicotomia, uma vez que pretende tratar da *essência* em sua conexão com a *existência*. Assim, ao que tudo indica, a julgar por essa passagem, Beauvoir parece sugerir que o caminho para tematizar tanto o singular quanto o universal é proceder em um trabalho em duas frentes, no qual a filosofia serve de instrumento para a expressão do universal enquanto as artes narrativas, como a literatura, o meio para comunicar a particularidade.

Temos muitas razões para crer, no entanto, que esse não é o intuito de Beauvoir. Sobretudo a partir da publicação de seus diários e cartas, fica bastante evidente como esses dilemas metodológicos sobre os limites da filosofia a ocupavam há muito tempo – desde muito antes de conhecer Sartre, inclusive –, de modo que ela teve tempo de amadurecer seu ponto de vista. Em 1927, por exemplo, quando tinha apenas 19 anos, ela relata em seu diário a intenção de escrever “ensaios sobre a vida”, os quais “não seriam um romance, mas filosofia”, porém em uma forma de apresentação que conectaria as duas áreas, na medida em que faria uso de elementos de ficção (Simons, 2004, p. 264). Isso nos indica de forma bastante contundente o quão cedo em sua trajetória intelectual surge a vontade de inovar e romper com aquilo que ela identificava como restrições da forma mais tradicional de fazer filosofia.

2 As narrativas como meio para a expressão do universal no singular

Conforme mencionado, entendo que uma das razões da ênfase e centralidade do papel das narrativas para o pensamento de Beauvoir está em seu potencial de comunicar determinados aspectos da existência humana que dizem respeito à sua particularidade e singularidade. Esses mesmos elementos,

por outro lado, possuem uma dimensão coletiva intrínseca, pois permitem estabelecer uma conexão com outras pessoas que partilham de experiências semelhantes. De fato, muitas vivências à primeira vista interpretadas como pessoais e individuais, uma vez narradas, mostram-se como sendo bastante próximas às de outros sujeitos com quem compartilhamos características comuns. Diante disso, cabe agora compreender de forma mais precisa a base filosófica e metodológica que está por trás da forma como Beauvoir desenvolve suas considerações, o que ajudará a entender melhor a conexão entre filosofia e narrativas em seu pensamento.

Segundo Ulrika Björk (2012, p.74), a partir da obra de 1947, *Por uma moral da ambiguidade*, Beauvoir passa a rejeitar a ideia de uma filosofia sistemática fechada, ao estilo dos modelos da filosofia moderna³. Beauvoir segue Kierkegaard na intenção de encontrar uma forma de pensamento que possa expressar as mudanças da vida concreta. Nesse sentido, a filósofa concorda com ele sobre a literatura e as narrativas serem uma forma privilegiada de expressão dos elementos paradoxais da existência humana.

Um dos aspectos centrais do argumento de ambos seria a tendência presente na filosofia sistemática de abstrair de toda a particularidade e focar exclusivamente em questões de caráter universal. Porém, como muitas das vivências humanas fundamentais partem de situações que se manifestam de forma contingente e particular, tal tipo de fazer filosófico não conseguiria elaborar parte significativa da existência, inclusive aquela conectada de forma mais direta com a moralidade.

Não se trata, no entanto, segundo Björk (2012, p. 75), da busca de uma rejeição de qualquer tipo de aspecto universal em favor da contingência e da historicidade, mas sim da “habilidade de expressar o universal em suas manifestações singulares, temporais e contingentes”. Em outras palavras, a inspiração que Beauvoir encontra na obra de Kierkegaard a indica um caminho não de mera crítica da clássica ambição filosófica por universalidade e generalização, mas sim da busca por uma forma de expressão que dê conta de apresentar determinado tipo de experiência que, embora compartilhada, manifesta-se de tal maneira que precisa ser apresentada incluindo seus elementos particulares.

Na verdade, não apenas Kierkegaard, mas também outros filósofos inspiraram Beauvoir nessa temática. Simons chama a atenção, por exemplo, para a grande influência de Henri Bergson na aproximação de Beauvoir de uma escrita que utilizava de elementos narrativos, em detrimento de uma linguagem argumentativa impessoal. Os elogios de Bergson (1908, p. 101) à capacidade do romancista de apresentar a temporalidade da realidade de uma forma mais direta teve grande impacto em Beauvoir, como atestam seus diários escritos durante o período de formação na Sorbonne (Simons, 2004, p. 264).

Seguindo essa linha argumentativa, poderíamos apontar as emoções como um caso paradigmático, não por acaso sendo um tema bastante presente na obra de Beauvoir. Ainda que possamos descrever as emoções de maneira “científica”, possivelmente a melhor forma de comunicá-las mais amplamente e de modo a gerar uma identificação seria relatando situações específicas em que determinada emoção surge. Assim, um processo de luto, por exemplo, pode ser analisado em seus padrões comuns e teoricamente descrito de maneira sistemática, em uma linguagem impessoal e isenta. Porém, quando se trata de investigar tal fenômeno em sua manifestação *concreta*, dentro de uma vivência humana, ele será sempre permeado pela singularidade da situação. Da mesma forma, se o objetivo é gerar no interlocutor um reconhecimento empático, será mais efetiva a comunicação envolvendo uma narrativa de determinada situação de luto vivida por alguém – seja uma personagem fictícia ou não – com toda a peculiaridade do contexto.

Um dos pontos centrais que está por trás da importância que Beauvoir atribui às narrativas é a própria forma pela qual vivemos determinados fenômenos na vida e também, portanto, a forma como poderíamos aprender mais sobre nós mesmos em relação a essas questões. Seguindo o exemplo do luto: nin-

³ Como terei oportunidade de apontar adiante, não me parece que, nessa fase de seu pensamento, Beauvoir de fato rejeite a concepção de filosofia enquanto um sistema abstrato.

guém vivencia os sentimentos associados à perda de uma pessoa querida como algo abstrato e genérico, tampouco seria comum a experiência ser acompanhada de uma análise isenta e impessoal que categorizasse as diferentes etapas do processo (por exemplo, de um padrão de emoções sucessivas). A vivência dos sentimentos ligados a tal experiência implica a conexão com as pessoas envolvidas e o contexto, as memórias de momentos particulares, e assim por diante. Isso fica evidente pelo fato de que um mesmo indivíduo pode experimentar dois processos de luto de forma consideravelmente diferente.

Isso não quer dizer que Beauvoir esteja desconsiderando a relevância de uma análise “abstrata” ou científica das emoções ou fenômenos análogos⁴. A questão principal é sua constatação de que esse tipo de investigação é parcial, servindo a um propósito específico, de modo que, por assim dizer, não é capaz de esgotar a apresentação do objeto de análise. É certamente verdade, por exemplo, que ter conhecimento de como normalmente se dá o processo de luto, com suas diferentes etapas, pode ajudar alguém a passar com mais tranquilidade pelo sofrimento que costuma acompanhar a experiência, mas esse tipo de informação não muda o fato de que, para a maioria das pessoas, momentos de grande tristeza serão inevitáveis.

Conforme mencionado anteriormente, uma das obras filosóficas de Beauvoir que pode ajudar a esclarecer esses aspectos é *Pour une morale de l'ambiguïté* (*Por uma moral da ambiguidade*), de 1947, na qual a autora enfatiza a singularidade da experiência moral humana, em contraste com as tentativas filosóficas de encontrar princípios universalmente válidos. Adotando um ponto de partida característico da fenomenologia existencialista, Beauvoir fundamenta sua análise naquilo que conceitua como a dimensão ambígua da existência humana. A filósofa destaca a capacidade de autopercepção da liberdade, ao mesmo tempo em que reconhece que tal liberdade encontra-se intrinsecamente condicionada por nossa situação e facticidade.

Seguindo essa direção argumentativa, Beauvoir ressalta a dualidade inerente à condição humana, na qual, embora partamos de nossas próprias concepções, somos levados a reconhecer que as mesmas são amplamente permeadas pela influência de outras pessoas. Além disso, ela enfatiza a complexidade de nossa existência enquanto seres corporais, sendo o *corpo vivo* mais do que simples objeto no mundo, configurando-se como consciência encarnada. A autora também aborda a dicotomia da existência humana, destacando que, embora estejamos vivos, somos simultaneamente seres destinados à morte, enfrentando uma finitude certa (Beauvoir, 2005, p. 13, ss).

A partir desse arcabouço teórico e conceitual, emerge o dilema ético relacionado à carência de fundamentos últimos para a moralidade. A ética, assim delineada, revela-se como uma dimensão histórica, contextual e finita, refletindo as características inerentes à vivência humana. As decisões éticas de cada indivíduo, por sua vez, são tanto de natureza pessoal quanto coletiva, impondo uma responsabilidade que, embora individual, encontra-se delimitada pelos termos da situação concreta a partir da qual o agente se origina (Beauvoir, 2005, p. 19, ss). Nesse sentido, tentar impor uma orientação de caráter pretensamente universal para a conduta humana esbarra na condição mesma de nossa situação concreta, com todos seus elementos particulares referentes à nossa história de vida, personalidade e fatores peculiares das vivências cotidianas.

Esse elemento da ênfase na particularidade, bem como a negação de que exista um sentido fixo e prévio para a vida (Beauvoir, 2005, p. 35, ss), são alguns dos princípios filosóficos que levaram Beauvoir a questionar qual a melhor forma de expressar essa dimensão da existência. Se a filosofia – ao menos entendida em sua forma mais tradicional – acaba por se concentrar em um nível de abstração que abre mão da tematização da particularidade, cabe a busca por formas de expressão que sejam capazes de investigar esses aspectos. Como vimos, Beauvoir encontra nas narrativas um instrumento privilegiado

⁴ Algo comum em investigações na área da psicologia, por exemplo. Lembrando que Beauvoir escreveu largamente sobre a psicanálise e questões de ordem psicológica em *O segundo sexo* (sobretudo na primeira parte do Volume 1 da obra).

para essa tarefa, o que, como teremos oportunidade de aprofundar a seguir, a fará questionar os limites da filosofia entendida de forma mais *tradicional*, bem como sua própria identidade como filósofa.

3 A negação da identidade de “filósofa” e a questão sobre quem pode filosofar

Como sabemos, por muito tempo Beauvoir negou ser uma filósofa. A despeito de sua formação filosófica e do fato de ter trabalhado durante muitos anos como professora na área, ela se identificava como uma romancista, deixando a Sartre o título de filósofo. É verdade que, se considerarmos sua obra como um todo, encontraremos mais textos de sua autoria classificados como literários e narrativos do que textos que foram identificados como filosóficos. A questão diante disso, no entanto, é, em primeiro lugar, entender melhor com quais critérios se deu essa classificação.

De forma geral, e esse era o caso no contexto de formação de Beauvoir, qualquer texto com estrutura narrativa, a despeito do conteúdo abordado, seria classificado como não-filosófico, enquanto que ser abarcado como parte da filosofia dependia, entre outros elementos, de que a obra em questão contasse com uma constituição argumentativa e apresentasse análises de conceitos comuns no debate filosófico da época ou de outros períodos da história da filosofia. Em certa medida, portanto, não bastaria um diálogo implícito com questões normalmente consideradas filosóficas para garantir a classificação da obra nessa área. Seria necessário, ainda, que o texto apresentasse um estilo de escrita particular e, de preferência, que dialogasse de forma explícita com autores do cânone filosófico.

Nesse sentido, um texto narrativo, ainda que introduzisse problemas típicos da tradição filosófica, dificilmente seria assim compreendido. Essa é uma das razões que podemos elencar para a rejeição frequente da identidade de Beauvoir como uma filósofa: conforme mencionado, de fato a maior parte de sua produção bibliográfica foi elaborada a partir de trabalhos com estruturas narrativas, de modo que parece natural que ela se apresentasse como uma escritora⁵. A questão que surge, porém, é por que ela não poderia ser classificada como escritora e filósofa, como ocorria no caso de Sartre⁶.

De fato, a resistência no reconhecimento do conteúdo filosófico da obra de Beauvoir não partiu apenas da própria autora, mas também da comunidade acadêmica de forma geral, sendo algo que mudou apenas nas últimas décadas. Na sua introdução à publicação de dois capítulos não publicados do romance “A Convidada” (*L’Invitée*), Edward Fullbrook fala sobre a dificuldade em fazer as pessoas considerarem o trabalho de Beauvoir como filosófico: “Até bem recentemente, fazer alguém ler um texto de Beauvoir por seu conteúdo filosófico era quase impossível”. Além disso, mesmo aqueles que consideravam existir conteúdo filosófico relevante no trabalho de Beauvoir, com frequência a rebaixaram a mera discípula de Sartre, de modo que “ler algum texto seu com o objetivo de encontrar nele originalidade filosófica era considerado risível. Beauvoir, a filósofa, sofreu um apagamento de sua existência” (Fullbrook, 2004, p. 34).

Embora essa seja uma questão mais complexa, que envolve diferentes fatores, é preciso reconhecer que algumas das considerações de Beauvoir sobre esse aspecto apresentam ideias polêmicas que, ainda que não justifiquem de todo a rejeição, podem ter contribuído para seu inicial apagamento como filósofa⁷. Em “A força da idade” (*La force de l’âge*), de 1960, por exemplo, em um contexto de análise de sua formação intelectual, Beauvoir é bastante explícita sobre esse ponto:

⁵ Ainda assim, estudos mais recentes (Daigle, 2006; Kirkpatrick, 2020) questionam outros fatores que podem ter contribuído para essa rejeição, por parte do grande público, da ideia de Beauvoir ser filósofa, como preconceito de gênero e misoginia.

⁶ Sobre essa questão e sobre como Sartre recebeu um tratamento muito mais receptivo do que Beauvoir por parte da crítica, ver, por exemplo: Clayton, 2008; Daigle e Golomb, 2009.

⁷ No entanto, o fato de Beauvoir ter negado durante muito tempo que fosse uma filósofa não parece uma explicação suficiente para algum tipo de exclusão de seu nome da história da filosofia. Como aponta muito bem Izilda Johanson, outros pensadores, como é o caso de Foucault, também se recusaram a esse título e nem por isso foram excluídos do cânone filosófico (Johanson, 2021, p. 315).

Queria absolutamente atrelar-me a um trabalho sério: mas que trabalho? Por que não me vi tentada a fazer filosofia? Sartre afirmava que eu compreendia as doutrinas filosóficas, a de Husserl entre outras, mais depressa e com mais exatidão do que ele. (...) Entretanto, eu não me considerava uma filósofa; (...). Nesse terreno, os espíritos verdadeiramente criadores são tão raros que é inútil indagar a mim mesma por que não tentei conquistar um lugar entre eles; seria preferível explicar como certos indivíduos são capazes de elaborar bem esse delírio concertado que é um sistema e de onde vem sua obstinação que dá a suas concepções o valor de conceitos universais. Já disse que a condição feminina não predispõe a esse gênero de obstinação. (...) Queria comunicar o que havia de original em minha experiência. Para consegui-lo, era para a literatura que devia me orientar, bem o sabia (Beauvoir, 2009, p. 150-1).

A primeira coisa que chama a atenção é a forma como se dá a negação de Beauvoir em se considerar uma filósofa: ainda que reconheça sua facilidade em compreender as doutrinas filosóficas – o que era inclusive reconhecido por Sartre e outros de seus pares –, ela não apenas afirma não se sentir capaz de ser um dos “espíritos criadores” nesse campo, como ainda constata que a própria condição feminina não *predispõe* a tais atividades. Especialmente levando em consideração que Beauvoir escreve isso nos anos 60, após, portanto, toda sua pesquisa sobre a opressão da mulher exposta em *O segundo sexo*, é natural que surja alguma perplexidade entre estudiosas(os) de sua obra.

De fato, ela foi questionada em relação à sua resistência em se assumir como filósofa. Margareth Simons, por exemplo, em uma entrevista realizada em 1985, indaga Beauvoir sobre isso, apontando a originalidade de muitas das suas ideias em relação a outros famosos existencialistas. Nessa ocasião, Beauvoir acaba por esclarecer o que estava por trás dessa recusa: “não sou uma filósofa, no sentido de que não sou a criadora de um sistema [filosófico]”. Porém, reconhece a seguir: “ainda assim sou uma filósofa no sentido de que estudei muito filosofia, sou formada em filosofia, ensinei filosofia, estou imersa na filosofia, e quando incluo filosofia nos meus livros é porque essa é, para mim, uma forma de ver o mundo (...)” (Beauvoir, Simons, Todd, 1989, p. 20).

Acredito que essa recusa inicial em se identificar como filósofa, bem como o posterior reconhecimento de que poderia, sim, ser classificada dessa forma, indica algo mais do que apenas uma mudança de ideia sobre o legado de sua obra, mas também uma ampliação na compreensão do que é filosofia, do que a filosofia pode ou não fazer e de sua relação com as narrativas. Alguns indícios para isso estão presentes na forma como Beauvoir se expressa em suas memórias: como vimos, ela se refere à filosofia, de forma talvez irônica, como um “delírio” que envolve a busca por conceitos universais, e contrasta esse tipo de atividade intelectual com sua intenção de falar de sua própria experiência e do que havia de “original” nela. Para tanto, ela conclui ser a literatura⁸, e não a filosofia, o meio para realizar essa tarefa. Porém, podemos questionar se existe em sua obra, de fato, uma separação tão clara entre as duas áreas e, sobretudo, qual a definição que ela apresenta para o tipo de trabalho que busca desenvolver.

4 Um outro filosofar: o potencial do romance metafísico

Acredito que a chave para o entendimento da forma como narrativas e filosofia se conectam no pensamento de Beauvoir se encontra na maneira como ela analisa a ideia de “romance metafísico”, que é apresentada em seu texto de 1946 que discorre sobre o tema⁹. Esse ensaio é bastante elucidati-

⁸ Como veremos a seguir, uma forma específica de literatura, entendida de maneira particular por Beauvoir.

⁹ Beauvoir também trata da questão de seu trabalho como escritora em outros textos, como em “*Que peut la littérature?*” (O que pode a literatura?) e “*Mon expérience d’écrivain*” (Minha experiência como escritora), de 1995 e 1996, respectivamente. Nesses textos, porém, a questão específica da relação entre filosofia e narrativas não é analisada de forma tão direta, de modo que me concentro nos argumentos de “*Littérature et métaphysique*”.

vo em relação a qual o entendimento de *filosofia* que encontramos nesse período no pensamento da autora, e nos ajuda a compreender como ela entendia a relação entre filosofia e narrativas.

Beauvoir apresenta um conceito bastante peculiar de metafísica: segundo ela, a metafísica não se caracteriza primordialmente como um sistema; não se procede à elaboração da metafísica da mesma maneira que se produz e se desenvolve a ciência, como a matemática ou a física. Para a filósofa, “‘fazer’ metafísica é ‘ser’ metafísico; é realizar em si a atitude metafísica” (Beauvoir, 2004, p. 273). Portanto, ela associa a essa ideia não apenas uma estrutura de natureza teórica, mas uma vivência: a metafísica é uma experiência a ser efetivamente vivida.

Nessa mesma perspectiva, Beauvoir argumenta que existiriam duas abordagens distintas para tematizar a metafísica. Uma delas, característica dos sistemas filosóficos clássicos, consiste em clarificar seu “significado universal” por meio da linguagem abstrata, desenvolvendo teorias nas quais a experiência metafísica é delineada e, em certa medida, sistematizada em sua essência, sendo, portanto, concebida como “atemporal e objetiva” (Beauvoir, 2004, p. 273). A autora reconhece que, nesse primeiro cenário, a viabilidade de qualquer outra forma de expressão vai depender do tipo de sistema filosófico apresentado. Isso é exemplificado, por exemplo, pelas concepções metafísicas que desconsideram como “insignificantes” os aspectos subjetivos e históricos da experiência: nesses casos, a linguagem argumentativa informal costuma servir bem como forma de comunicação das ideias apresentadas.

A segunda modalidade de expressão, entretanto, característica de concepções metafísicas que incorporam a dimensão contingente da realidade, demanda a tematização do “aspecto subjetivo, singular e dramático da experiência” (Beauvoir, 2004, p. 274). É precisamente nesse domínio que as narrativas se destacam como um meio privilegiado de comunicação, pois abrangem essa dimensão de uma maneira que textos de caráter teórico e impessoal não conseguem. A linguagem abstrata, comumente encontrada, por exemplo, em obras filosóficas clássicas, como os grandes tratados modernos, revela-se insuficiente para transmitir aspectos da existência que dizem respeito à singularidade das vivências do cotidiano.

Dessa forma, Beauvoir esclarece que, para o escritor, a tarefa não consiste em explorar, no âmbito literário, verdades preconcebidas no domínio filosófico, visto que tal abordagem conduziria ao equívoco de simplificar concepções que já alcançaram uma expressão apropriada. O propósito, portanto, reside em revelar um aspecto da experiência metafísica que não pode ser adequadamente expresso de outra forma: aquilo que nela está necessariamente envolto em subjetividade, singularidade e dramaticidade, apresentando, por isso, uma ambiguidade intrínseca (Beauvoir, 2004, p. 274-5).

Segundo Beauvoir, um romance metafísico, quando redigido de maneira adequada, proporciona uma “revelação da existência” de maneira incomparável em relação a qualquer outra forma de expressão. A autora se coloca contrária à alegação comum de que esse tipo de obra representa um “perigoso desvio” do gênero de romance, pois entende que, pelo contrário, trata-se de uma realização de elevado mérito, uma vez que, bem-sucedida, busca “apreender o ser humano e os acontecimentos humanos em relação à totalidade do mundo”. Essa é a razão pela qual, em sua visão, “apenas ele [o romance metafísico] pode triunfar onde a literatura pura e a filosofia pura falham”, pois é capaz de “evocar na sua unidade viva e na sua ambiguidade viva fundamental este destino que é nosso e que está inscrito tanto no tempo quanto na eternidade” (Beauvoir, 2004, p. 276).

Diante desta análise, é pertinente ressaltar que, contrariamente às afirmações de alguns intérpretes¹⁰, entendo que Beauvoir, nessa etapa, aceita uma concepção mais convencional de filosofia.

¹⁰ Fullbrook (1998) e Björk (2012), por exemplo, entendem que, já nessa fase do pensamento de Beauvoir, ela defende uma concepção para a atividade filosófica que rompe com as definições mais tradicionais de filosofia. Pelas razões aqui indicadas, esse não me parece ser o caso, pois ainda que ela procure apresentar uma metodologia *original* para o seu trabalho – através do que chama de “romance metafísico –, nesse momento ela não o define como propriamente filosófico. Como vimos, ela chega, inclusive, a contrastar sua forma de escrita com a filosofia e a literatura como normalmente concebidas.

Entretanto, simultaneamente, ela busca se afastar do método filosófico habitual, apresentando uma abordagem alternativa que visa explorar temas típicos da filosofia, porém através de narrativas. Assim, sua forma de expressão difere substancialmente da abordagem filosófica convencional, pois opta por utilizar narrativas que apresentem manifestações singulares e particulares de temas que são explorados na filosofia. No caso da última, porém, esses temas aparecem, no mais das vezes, a partir de uma linguagem dissertativa impessoal e abstrata.

Um caso típico seria a questão da finitude que, na filosofia, pode ser elaborada a partir de uma análise conceitual ligada à noção de condição humana. Na literatura, por outro lado, o mesmo tema poderia ser expresso através da narrativa do enfrentamento de personagens ficcionais diante de sua existência enquanto seres conscientes da própria mortalidade. Portanto, ao contrário do que ocorre com textos filosóficos mais convencionais, um texto narrativo certamente envolveria um enredo apresentando situações de conflito e questões de ordem emocional e psicológica.

Nesse contexto, entendo que Beauvoir, em vez de categorizar suas produções como “filosóficas” ou “literárias”, opta por utilizar a expressão “romance metafísico”¹¹, evidenciando a singularidade metodológica de sua abordagem. Apesar de eventuais ambiguidades conceituais, a chave para compreender a perspectiva de Beauvoir reside, portanto, em sua concepção bastante específica de metafísica e sua manifestação em um tipo particular de romance, visto que ela contrasta essa ideia não apenas com a filosofia tradicional, mas também com diversas abordagens literárias e outras formas de narrativas quando consideradas apenas como produtos artísticos ou de entretenimento.

Essa é, em meu entendimento, a razão pela qual Beauvoir afirma que tal forma de expressão é capaz de fazer aquilo que a filosofia e a literatura “puras” não dão conta de elaborar do modo mais adequado. Por essa mesma razão, acredito que essa maneira de apresentar suas ideias, a despeito dos desafios teóricos analisados, rompe metodologicamente tanto com a filosofia como com a literatura (quando entendidas em suas formas mais tradicionais de expressão). Nesse sentido, o trabalho de Beauvoir surge como uma fonte de estudos promissora – e com muito ainda a ser investigado – não somente no que se refere à temática feminista, mas também em relação às diferentes formas do fazer filosófico e narrativo, seus limites por vezes nebulosos, e seus potenciais abertos à exploração.

Referências bibliográficas

- BEAUVOIR, S. 2004. “Literature and Metaphysics”, in: *Philosophical writings*. University of Illinois Press.
- BEAUVOIR, S. 1979. “Mon expérience d’écrivain.” Francis C., Gontier F., *Les Écrits de Simone de Beauvoir*. Paris. Gallimard.
- BEAUVOIR, S. 2009. *A força da idade*. Nova Fronteira.
- BEAUVOIR, S. 2006. *Diary of a Philosophy Student: Volume 1, 1926-27*. University of Illinois Press.
- BEAUVOIR, S. 1949. *L’invitée*. Gallimard.
- BEAUVOIR, S. 1969. *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard.
- BEAUVOIR, S. 2005. *Por uma moral da ambiguidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BEAUVOIR, S. 2012. Que peut la littérature? In: LECARME-TABONE, É.; JEANNELLE, J.L. *L’Herne Beauvoir*. Paris: Éditions de L’Herne, 2012.
- BEAUVOIR, S.; SIMONS, M. A.; TODD, J. M. 1989. Two Interviews with Simone de Beauvoir. *Hypatia*, p. 11-27.

¹¹ É interessante observar que Merleau-Ponty demonstra estar de acordo com Beauvoir sobre o potencial do romance metafísico, como atesta seu ensaio “Le Roman et la métaphysique”, escrito em 1945.

- BERGSON, H. 1911. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. F. Alcan.
- BJÖRK, U. 2012. Reconstituting experience: Beauvoir's philosophical conception of literature. *Sapere Aude*, **3**(6): p. 73-95.
- CLAYTON, C. 2008. Beauvoir, Sartre, temporality and the question of influence. *Simone de Beauvoir Studies*, **25**: p. 50-62.
- DAIGLE, C. 2006. Beauvoir: réception d'une philosophie. *Horizons philosophiques*, **16**(2): p. 61-77.
- DAIGLE, C.; GOLOMB, J. (Ed.). 2009. *Beauvoir and Sartre: The Riddle of Influence*. Indiana University Press.
- FORSTER, E. M. 1927. *Aspects of the Novel*. Harcourt, Brace.
- FULLBROOK, E. 2004. Introduction to Two unpublished chapters from *She Came to Stay*, in: DE BEAUVOIR, Simone. *Philosophical writings*. University of Illinois Press.
- FULLBROOK, E.; FULLBROOK, K. 1998. Merleau-Ponty on Beauvoir's Literary-Philosophical Method. In: *The Paideia Archive: Twentieth World Congress of Philosophy*. p. 6-12.
- JOHANSON, I. 2021. Sobre mulher e filosofia ou uma canção para Simone de Beauvoir. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, **39**(2): p. 309-319.
- MERLEAU-PONTY, M. 1996. *Le Roman et la métaphysique*. In: *Sens et non-sens*. Paris, Gallimard.
- SIMONS, M. 2004. "Introduction to Literature and Metaphysics", in: BEAUVOIR, S. *Philosophical writings*. University of Illinois Press.

Submetido em 30 de janeiro de 2024.

Aceito em 14 de novembro de 2024.